

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

ESTUDO ACERCA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO FEMININO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO “CASO ELIZA SAMÚDIO”

Sara Fabrício dos Santos (Departamento de Psicologia [DPI], Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Orientadora Prof^a. Dr^a. Gláucia Valéria Pinheiro de Brida (Departamento de Psicologia [DPI], Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: sara2fabricio@gmail.com

Palavras-chave: Violência de gênero. Mídia. Maternidade.

Este trabalho refere-se ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa acerca do tema estereótipo de gênero feminino e suas relações com a violência de gênero, a partir da investigação dos estereótipos presentes nas publicações da revista *Veja* acerca do “caso Eliza Samudio”.

O estereótipo é formado por adjetivos que muitas vezes são socialmente pejorativos e por isso relaciona-se com preconceitos. Os estereótipos constituem um “molde que pretende enquadrar a todos, independentemente das particularidades de cada um” (SAFFIOTI, 1987, p. 37). Os adjetivos que compõem um estereótipo tornam-se fixos e inalterados quando associados a uma coletividade, como por exemplo, o estereótipo da voz afeminada para os homens gays. O estereótipo de gênero feminino, nesse sentido, descreve à identidade feminina certa unicidade, algo que Butler (2015) rejeita quando afirma que gênero é uma identidade performática, tendo várias formas de ser e de manifestar sua sexualidade. Dessa forma, essa diversidade pode ser tanto por meio de estereótipos hostis, quanto por meio de estereótipos benevolentes. As características apresentadas por Formiga e Camino (2001) que são *caloroso/a, afetuoso/a, carinhoso/a, sensível as necessidades dos outros, terno/a, delicado/a, suave e compassivo/a [ter compaixão], compreensível, amante das crianças, egoísta, choram facilmente* podem ser relacionadas em sua maioria aos estereótipos benevolente da feminilidade.

A internalização dos estereótipos de gênero pelos indivíduos prescreve, antecipadamente, como o indivíduo vai agir. Considerando, para isso, as características associadas à feminilidade, já citadas, às características associadas a masculinidade (*dominante, agressivo, duro/a, arriscar-se, gostar do perigo, personalidade forte, individualista, atlético, desportivo/a* [FORMIGA; CAMINO, 2001]) temos a constatação do favorecimento do masculino sobre o feminino.

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

Nesta pesquisa realizou-se um estudo de caso dos estereótipos de gênero feminino a partir das publicações na revista *Veja* referente ao assassinato de Eliza Samudio. O caso de Eliza foi escolhido devido a ampla repercussão nacional publicado também no livro "Indefensável: o goleiro Bruno e a história da morte de Eliza Samudio" (LEITÃO; CARVALHO; SARAPU, 2014). O levantamento das publicações se deu pelo site <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>, no qual foi utilizando a palavra chave *Eliza Samudio*. Encontramos 11 citações específicas do caso escolhido no período que abrangeu as Edições de Julho/2010 até Abril/2013. A análise do material encontrado deu-se por meio do método da Análise de Discurso (AD) que tomou como objeto: reportagens, imagens, manchetes e adjetivos.

A partir da leitura do material foram encontrados dois estereótipos de gênero feminino ao referir-se à Eliza. O primeiro é o estereótipo de gênero feminino hostil da mulher "ex-amante"; o segundo é o estereótipo de gênero feminino benevolente da mãe ("ex-namorada").

A mulher sexual ou "ex-amante" é considerada historicamente como pecadora e transgressora justamente por desviar da normativa de "boa" mulher. Essa norma pode ser pensada como originária nos discursos dos representantes de Deus que para estabelecer normas e regras acerca do que era lícito e ilícito a uma mulher fazer (FONSECA, 2011). Ilícito, de certa forma, seria a mulher assumir uma atitude ativa frente a sua sexualidade. Eliza, nesse sentido, torna-se perigosa por deixar transparecer uma vida sexual ativa, enquanto que Bruno é retratado passivamente, pois segundo a revista *Veja* ele teria caído nas "garras" de Eliza, necessitando, inclusive, fazer exames para analisar se ela não teria transmitido alguma doença a ele, fato esse que coloca a sexualidade de Eliza como perigosa.

Desviar da regra seria, então, uma transgressão a norma. É importante enfatizar isso, pois Leitão na reportagem em julho de 2012, estrutura a matéria com o seguinte título: "Ela estava marcada para morrer". Estranho já seria a escolha dessas palavras para descrever a reportagem que vinha a seguir relatando alguns pormenores de como os assassinos teriam agido para matar Eliza, entretanto, elas aparecem associadas a uma foto de Eliza com uma blusa em decote, brincos e maquiagem, que poderia representar a mulher sexual que permite ser vista, ao contrário da mulher mãe, recatada.

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

Nos termos utilizados pelos repórteres, ao escrever acerca de Eliza na revista *Veja*, o jargão do futebol “Maria-chuteira” é associado à Eliza de forma que a caracteriza pejorativamente ao estereótipo de mulher sexual. Além disso, Eliza é denominada de “coleccionadora de fotos com jogadores de futebol” e “adoradora e sonhadora para adentrar no mundo da fama”. A imagem de Eliza é de uma mulher ativa cujas “peripécias” ou atitudes “fisgaram” Bruno Fernandes. Enquanto Eliza é caracterizada como uma mulher ativa em relação a sua sexualidade, Bruno é caracterizado como um sujeito que tem uma sexualidade muito ativa, porém é passivo, fraco diante desta: “um atleta de sucesso, mais do que disponível para aventuras fora do casamento e com um *fraco* por belas morenas” (GASPAR, ROGAR, SEGALLA, Edição 2172, 43, nº 27 – 2010, p. 81 – grifo nosso).

Essa imagem aparente de Bruno como um sujeito passivo que foi persuadido por Eliza caracterizada como manipuladora ainda é intensificada quando os repórteres afirmam que Bruno “Reza para que Eliza apareça. Quando isso acontecer, se eu for o pai, vou brigar pela guarda, porque abandonar uma criança é coisa que não se faz” (Edição 2172, 43, nº 27 – 2010). Esse aspecto de bom pai e mãe não tão boa é discutido por Badinter (1985) quando questiona o amor materno e discute a naturalização do amor materno como um instinto feminino, enquanto que na verdade o mito acerca desse instinto compõe o estereótipo feminino que é o da mulher naturalmente mãe – responsável, principalmente pelo cuidado do filho. Nesse trecho Eliza passa a ser atacada por não corresponder ao estereótipo materno.

Na medida em que se evidencia o assassinato de Eliza de forma cruel por Bruno e seus comparsas, o estereótipo hostil da mulher sexual, sedutora passa a ser substituído pelo estereótipo benevolente da mãe. O estereótipo de mulher-mãe ou ex-namorada aparece no final de 2012, em que Leitão e Esperancio (Edição 2297, 45, nº 48) denominam Eliza como ex-namorada de Bruno. Diferentemente de como Eliza foi denominada nas edições primeiras em que era evidente o estereótipo da mulher sexual como ex-amante. Essa reviravolta da mulher sexual que é desconsiderada socialmente para a mulher-mãe faz parte do movimento de vitimizar a jovem. Nesse sentido, Eliza não é uma mulher brutalmente assassinada pelas questões preconceituosas que permeiam os estereótipos, mas é uma mãe brutalmente assassinada. Isso é importante porque a violência contra a mulher, mesmo sendo combatida diariamente, é aceita quando a mulher segue comportamentos reprovados socialmente. No caso de Eliza esses comportamentos se dão pelo discurso de que ela fazia programas sexuais

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

por dinheiro e pelas suas “peripécias” no mundo da bola. Ao retrata-la como namorada parece haver um movimento que busca apagar todo o imaginário anteriormente desenhado e dá outro aspecto ao caso.

Também observa-se o estereótipo de gênero feminino da mulher sexual e da mulher mãe na exposição das imagens de Eliza na revista *Veja*. Conforme exposto, inicialmente é retratada como alguém que quer estar no mundo em que vivem os jogadores de futebol, e para enfatizar isto, coloca-se fotos suas com 5 outros jogadores de futebol famosos (GASPAR, ROGAR, SEGALLA, Edição 2172, 43, nº 27 – 2010). Em outras duas têm-se Eliza posando como modelo, bonita e bem arrumada conforme o estereótipo de beleza feminino. Já Eliza como mãe, de forma distinta, aparece grávida numa foto na praia e em outra esta na delegacia, na qual apresenta-se sem qualquer adorno e cabelo preso, visando defender seu filho por meio da denuncia de que havia ingerido, a força, substâncias abortivas aos cinco meses de gravidez. O enfoque nas fotos escolhidas de Eliza grávida retoma a questão da mulher-mãe que precisa se dedicar interinamente ao cuidado dos filhos dado “seu instinto materno”, e por isso é permitido que saia um pouco do padrão de beleza e sensualidade. Essa clivagem entre a mulher-mãe e o sexo transforma a mulher com filhos um ser desprovido de sexualidade, esse estereótipo, então, pode ser associado à imagem da virgem mãe, mãe sagrada.

Ao correlacionar os estereótipos de gênero no caso Eliza Samudio e a violência contra a mulher, da qual ela foi vítima, constatamos dois aspectos importantes. O primeiro refere-se a diferença de poder entre os gêneros aliada a diferença de poder econômico. Na medida que o estereótipo da mulher sexual Eliza é retratada como aquela que usa a sua sexualidade para conquistar jogadores famosos, há uma naturalização dessa diferença e da violência que muitas vezes ela envolve. Conforme dito por Leitão (2012) ela passa a estar “marcada para morrer”. Dessa forma, o estereótipo sexual banaliza a violência contra a mulher, tendo em vista que ela é ativa em seus desejos, enquanto que Bruno parece ter sido destinado a passividade.

Os estereótipos tornam normal que a

(...) violência contra a mulher no horizonte cultural do patriarcalismo justifica, e mesmo ‘autoriza’ que o homem pratique essa violência, com a finalidade de punir e corrigir comportamentos femininos que transgridem o papel esperado de mãe, de esposa e de dona de casa (WAISELFISZ, 2015, p. 75).

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
18 a 19 de Fevereiro de 2016

Um segundo aspecto refere-se à relação do estereótipo benevolente com a violência. Eliza é reconhecida como vítima não pela discussão acerca da violência na relação de poder em um crime contra a vida de uma mulher, e sim pelo crime contra a mãe. E por isso os estereótipos, presentes na revista *Veja* sobre o caso Eliza Samudio, não permitem uma discussão da violência contra a mulher e das desigualdades de gênero aí implicadas, pelo contrário auxiliam na naturalização da violência sem problematizá-la.

Referências

- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. 2 ed.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FONSECA, M. E. M. da. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse? **Paralellus (Unicamp - Recife)** [online]. 2011, n. 4, pp. 213-226. ISSN: 2178-8162.
- FORMIGA, N. S.; CAMINO, L. A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. **Estud. Psicol. (Campinas)** [online]. 2001, vol.18, n.2, pp. 41-49. ISSN 0103-166X.
- GASPAR, M. ROGAR, S. SEGALLA, V. (7 de julho de 2010). O suspeito número 1. **VEJA**. Semanal, (27), p. 78-85.
- LEITÃO, L. (11 de julho de 2012). Ela estava marcada para morrer. **VEJA**. Semanal, (28), p. 70-76.
- LEITÃO, L. SPERANDIO, M. (28 de novembro de 2012). Ele foi o “mandante”. **VEJA**. Semanal, (48), p. 142-143.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. 11ª ed.
- WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em 31 jan. 2016.